



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS**

NEISLLANY SOUSA DE MESQUITA

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS PRÁTICAS CAPIRAS: UM OLHAR SOBRE A
OBRA PARCEIROS DO RIO BONITO, DE ANTÔNIO CANDIDO**

Araguaína (TO)
2018

NEISLLANY SOUSA DE MESQUITA

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS PRÁTICAS CAIPIRAS: UM OLHAR SOBRE A
OBRA PARCEIROS DO RIO BONITO, DE ANTÔNIO CANDIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Gestão de Cooperativas.

Orientador (a): Prof. Esp. Welison Portugal de Souza

ARAGUAÍNA (TO)
2018

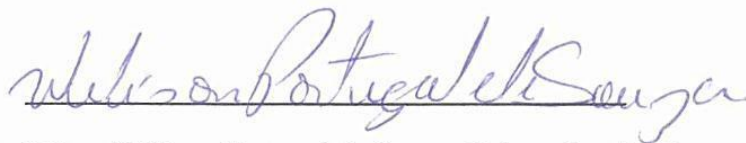
NEISLLANY SOUSA DE MESQUITA

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS PRÁTICAS CAIPIRAS: UM OLHAR SOBRE A
OBRA PARCEIROS DO RIO BONITO, DE ANTÔNIO CANDIDO**

Artigo foi avaliado e apresentado à Universidade Federal do Tocantins, curso Gestão de Cooperativas para obtenção do título de Graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 05/03/2018


Banca Examinadora:



Prof. Esp. Welison Portugal de Sousa, Orientador, UFT



Profª Dra. Roseni Aparecida de Moura, Examinadora, UFT



Profª Msc. Renata Rauta Petarly, Examinadora, UFT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M582e Mesquita, Neislany Sousa de.
Economia Solidária e as práticas caiçaras: um olhar sobre a obra Os Parceiros do Rio Bonito. / Neislany Sousa de Mesquita. – Araguaína, TO, 2018.
20 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Gestão de Cooperativas, 2018.
Orientador: Welison Portugal de Souza
1. Economia solidária. 2. Práticas caiçaras. 3. Parceiros do Rio Bonito. 4. Tradições. I. Título

CDD 334

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que tens feito por mim e pelas bênçãos que me destes até hoje.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais por terem me ensinado que a educação vem primeiramente de casa para assim, eu ser essa pessoa que sou hoje. A eles e às minhas irmãs pelo amor que me deram e pelo apoio, não apenas na vida acadêmica, mas em minha vida em geral. Estes toleraram a correria do meu dia-a-dia, ajudaram em (quase) tudo que precisei, na maior parte das vezes, sem hesitar.

Aos meus professores por terem acreditado em mim e também me apoiado, especialmente, ao meu orientador prof^o Welison por ter me proporcionado tanto conhecimento nesta etapa final de minha vida acadêmica (como graduanda) e pelo incentivo que me destes.

Agradeço também aos meus colegas de curso que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação, e a todos os meus amigos em geral.

Igualmente, agradeço às profs^a Dra. Roseni Moura e Msc. Renata Petarly por aceitarem o convite de compor a minha banca.

MESQUITA, N. S. DE. ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS PRÁTICAS CAIPIRAS: UM OLHAR SOBRE A OBRA PARCEIROS DO RIO BONITO, DE ANTÔNIO CANDIDO. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

RESUMO

No presente trabalho, pretendemos apresentar algumas atividades que podem ser consideradas como práticas de economia solidária durante o período em que, segundo o que dizem algumas teorias, esta se manteve inerte durante algumas décadas do século XX. Como objeto de pesquisa, utilizaremos dois livros, sendo eles *Os parceiros do Rio Bonito* (2010) de Antônio Candido que tem como objeto de estudo a cultura do caipira tradicional e os motivos que o leva a ter uma vida baseada na rusticidade e também as mudanças que ocorreram no decorrer do tempo com a chegada da economia capitalista no meio onde ele vive, e *Introdução à Economia Solidária* (2002) de Paul Singer o qual procura conceituar economia solidária, nos traz o contexto histórico e aborda as mudanças da mesma com sua reinvenção. Buscaremos então explorar estas partes de cada um dos respectivos livros de modo que fique mais claro para leitura. Dessa forma, poderemos, finalmente, apresentar algumas das práticas – do primeiro livro – que podem ser consideradas como de economia solidária – conceituada no segundo livro.

Palavras-chaves: Economia Solidária, práticas caipiras, parceiros do Rio Bonito.

MESQUITA, N. S. DE. ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS PRÁTICAS CAIPIRAS: UM OLHAR SOBRE A OBRA PARCEIROS DO RIO BONITO, DE ANTÔNIO CANDIDO. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

ABSTRACT

In the present work, we intend to present some activities that can be considered as practices of solidarity economy. As the partner of Rio Bonito (2010) of Antonio Candido with the object of a traditional hill country culture and those who have a medium life in rusticity and also as changes that However, there is no time for the time, and the introduction of capitalist economy in the environment where he lives, and Paul Singer's Introduction to Economic Solidarity (2002), which seeks economy economics, brings us the historical context and addresses how changes of the same with its reinvention. We will then seek to explore these parts of each of the rights, books so that it becomes clearer for reading. In this way, we can finally, some of the practices - of the first book - that can be considered as solidarity economy
- of the second book.

Key words: Solidary Economy, country practices, partners of Rio Bonito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
Metodologia.....	09
CAPÍTULO I. OS PARCEIROS DO RIO BONITO.....	10
1.1. A vida do caipira tradicional	10
1.2. A situação presente.	12
1.3. Análise da mudança.....	13
CAPÍTULO II. ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	15
CAPÍTULO III. ANÁLISE COMPARATIVA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

Ouvimos muitas pessoas se expressarem à questão da Economia Solidária, mesmo que de modo superficial. Isso nos leva a indagar até que ponto a conhecemos visto que esta pode gerar questionamentos diversos por ser um tema bastante amplo.

Podemos perceber que as indagações sobre tal se intensificaram nos últimos anos posto que o desemprego teve um aumento significativo. Algumas teorias brasileiras dizem que a economia solidária no Brasil veio a reviver por volta das décadas de 1980 e 1990 após passar algumas décadas – desde os anos de 1940 – em que não se ouvia muito a respeito. Apesar disso, seria correto falar que o termo “economia solidária” não fosse discutido de 1940 a 1990? Seria correto dizer, mesmo que não tendo discutido o termo, que não estivesse sendo praticada nenhuma das atividades que a englobe?

No entanto, pelo livro de Antônio Candido, vemos diversas experiências que nos levam a refletir se houve ou não práticas consideradas de economia solidária. Estas foram vivenciadas nos anos de 1948 a 1954, sendo justamente entre as décadas em que não se discutiam sobre o assunto.

Assim, este trabalho será baseado em algumas práticas de economia solidária num período em que o tema não se era debatido no Brasil. Como objeto de estudo temos os livros: *Os Parceiros do Rio Bonito* (2010) de Antônio Candido, e *Introdução à Economia Solidária* (2002) de Paul Singer.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado como *Os Parceiros do Rio Bonito*, será explanado um resumo do livro de Antônio Candido sobre a vida do caipira na cidade de Bofete (antigo Rio Bonito), localizada no estado de São Paulo, focando nas suas tradições e atividades que faziam, desde o século XVII até meados do século XX¹.

No segundo capítulo, nomeado *Introdução à Economia Solidária*, será conceituado o que é economia solidária, quais as práticas que a engloba e um pouco de sua contextualização tendo como referência a obra de Singer (2002).

No terceiro e último capítulo, intitulado *Análise Comparativa*, faremos uma verificação entre as práticas realizadas pelo caipira retratadas no primeiro capítulo que podem ser consideradas como atividades econômicas solidárias retratadas no segundo.

¹ o último ano, relatado por Antônio Candido (2010), em que foram realizadas as pesquisas está datado em 1954.

Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa qualitativa que, para Richardson (1989), é aquela que possibilita compreender fatos e dados por meio da observação e da análise dessas informações de maneira descritiva e aprofundada.

Para a realização deste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica nos livros já citados na introdução deste trabalho. Para Markoni e Lakatos (2003) e Santos (2002), pesquisa bibliográfica é aquela onde determinado assunto já foi publicado eletronicamente ou não por outros autores. Santos (2002) diz ainda que os livros, publicações periódicas, fitas gravadas de áudio etc., se caracterizam como pesquisa bibliográfica. Cervo e Bervian (1983) afirmam que a pesquisa bibliográfica tem o objetivo de auxiliar na resolução de um problema científico a partir de referências publicadas em diversos tipos de documentos já publicados.

Como metodologia de pesquisa, utilizamos o meio comparativo das duas obras.

CAPÍTULO I

1. OS PARCEIROS DO RIO BONITO

Escrito por Antônio Candido, o livro *Os Parceiros do Rio Bonito*², o qual foi fundamental para a elaboração deste trabalho, buscou tracejar as mudanças e enfrentadas pelos caipiras³ paulistas, consequências da transição das práticas econômicas na comunidade.

O livro foi elaborado por meio de uma pesquisa antropológica realizada pelo próprio autor no município de Rio Bonito – atual Bofete –, localizada no estado de São Paulo e feitas inicialmente em 1948 e posteriormente em 1954.

Podemos dividir o livro em três etapas, sendo a primeira, “A vida do caipira tradicional”, onde o autor analisa documentos os quais descrevem a vida do caipira do século XVIII e início do século XIX, e, em relatos de velhos caipiras que pudessem historiar como era o “tempo dos antigos” (CANDIDO, 2010), o mesmo explora também as formas de solidariedade e explana a importância das mesmas; já a segunda parte, “A situação presente”, é relatada de forma minuciosa a dieta do caipira, e explica a parceria; na terceira e última etapa, “Análise da mudança”, o autor esclarece as mudanças na vida do caipira paulista com a transição da sociedade.

1.1.A vida do caipira tradicional

De descendência, principalmente indígena – onde foi passado de geração em geração o primitivismo – e portuguesa, o caipira levava uma vida simples, assim, o autor procurou mostrar-nos a rusticidade em que viviam estes, desde o modo de vestir às suas moradias, englobando o âmbito camponês.

Sua casa era “... um abrigo de palha, sobre paredes de pau a pique, ou mesmo varas não barreadas, levemente pousado no solo” (CANDIDO, 2010, p. 45). Estas não duravam por muito tempo, mas ele (o caipira) não tinha estabilidade visto que levava a vida como a de nômade. Não permanecia muito tempo num local, então não teria muita relevância.

² “A qual visa a descrever um processo e uma realidade humana, característicos do fenômeno geral de urbanização no estado de São Paulo” (CANDIDO, 2010, p. 13).

³ Posto que este termo se aproxima da forma da forma como era visto o rabalhador que não tinha carteira assinada antes da reinvenção da economia solidária, Candido se refere “não caipira como um tipo racial, mas sim, um estilo de vida, de ser.” (CANDIDO, 2010, p. 27).

Além da casa, suas roupas também eram bem simples, feitas à mão. Segundo Candido, “Todos faziam fio de algodão, que as tecedeiras transformavam em pano...” (2010, p. 47). Alguns utensílios também eram feitos em casa, como a colher de pau, cuia de beber, pote de barro, pólvora para armas e rojões – além das balas –, fornos de barro (CANDIDO, 2010). Assim, percebemos que os caipiras de antigamente faziam completamente tudo, por isso não precisavam ir ao comércio. Quando iam, era raramente e apenas para a compra do sal.

O caipira sempre teve a imagem de ser aquele que vive mais ou menos isolado do resto do mundo, que andava desconfiado com qualquer desconhecido, mas não podemos deixar de lado que quando este sabia que não teria motivo para tal desconfiança, estava pronto para à hospitalidade.

Este não dispunha de muitas técnicas para preparar o solo para plantação. Como uma forma mais fácil e rápida, queimava-o. Visto que o caipira levava vida de nômade, itinerante, ajudava a manter um “... equilíbrio ecológico: recurso para ajustar as necessidades de sobrevivência à falta de técnicas capazes de proporcionar rendimento maior da terra” (CANDIDO, 2010, p. 55).

Na sua alimentação, este vivia apenas com o considerado suficiente para sua sobrevivência. Não tinha um cardápio muito variado e nem um composto de todos os nutrientes necessários para manter-se saudável, onde o predomínio era de farinha de mandioca, feijão e milho, como modo de preparação oriundo da culinária portuguesa. A carne consumida provinha da caça e da criação de animais domésticos.

Como vimos anteriormente, o sal era praticamente o único produto que fazia com que o caipira fosse ao mercado, desse modo, segundo Candido, fazia com que este (o sal) servisse de principal fator para uma sociabilidade intergrupala (2010), já que o seu contato mais próximo era com os moradores de sua casa, e seus vizinhos possibilitada pela proximidade geográfica, conhecida como bairro.

Mas além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento chamado de *sentimento de localidade* existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico (CANDIDO, 2010, p.79).

Além da proximidade física, o autor destaca que outro fator que leva à convivência entre os moradores era a necessidade de cooperação para a realização de tarefas produtivas ou compartilhamento alimentar. Nesse conjunto realizavam muitas vezes o mutirão em diversas atividades e outras formas de cooperação vicinal onde estes podem ter as tarefas atribuídas

igualmente a todos ou são muito bem divididas. Estas, com divisões tanto em atividades de agricultura como também, religiosas.

Via-se o caipira como preguiçoso – não por que simplesmente não queria fazer seu trabalho, mas pelo motivo de que, como produziam apenas o suficiente, não havia necessidade de ter que trabalhar muito –, por essa razão, ele não conseguia se adaptar a um ritmo de trabalho intenso que veio com o desenvolvimento econômico.

1.2.A situação presente

“Sobre a velha plataforma caipira da agricultura de subsistência e do povoamento caboclo, provindo do Sudeste, espalhou-se o café em Bofete⁴, trazendo a princípio o negro, depois o imigrante italiano...” (CANDIDO, 2010). Assim, a inserção da comercialização capitalista de café fez com que alterasse velozmente o quadro da demografia no município; a população aumentou nos anos de auge da produção de café e diminuiu em seu declínio visto que a ascensão do café limitava a produção de outro tipo de atividade.

Com essa decadência, houve uma forma de retrocesso em toda Bofete: antes, esperava-se que esta tivesse um crescimento tanto econômico como demográfico com a chegada da produção em grande escala de café e assim continuasse, porém, essa decadência fez com que retrocedesse; a população que lá permaneceu, retornou ao seu modo isolado e caipira.

Podemos perceber também, que segundo Candido (2010) houve mudanças no município desde sua primeira visita, em 1948, à sua última, em 1954, onde nestas, muitas casas já tinham energia elétrica; havia um ou outro automóvel; produção em larga escala; as parcerias, que se configuravam como forma de trabalho assalariado, o que não tinha antes.

Como forma de explorar a terra, o grande e o médio proprietário buscaram assim fazer em forma de parceria, que, segundo Candido (2010, p. 123) é “... uma sociedade, pela qual alguém fornece a terra, ficando com o direito sobre parte dos produtos obtidos pelo outro”. Nela, o proprietário é quem concedia a terra e o parceiro quem plantava e cuidava da fazenda. Havia uma taxa onde os parceiros haviam de pagar, assim, podia levar o pequeno lavrador às ruínas, pois nem todo ano era de bons lucros, mas como esta taxa era fixa e consideravelmente alta, muitas vezes levava-o à decadência.

⁴ Anteriormente, chamado de Rio Bonito.

Sua alimentação também havia mudado significativamente em relação à primeira. Podemos perceber que o caipira já não produzia completamente tudo (exceto apenas o sal) que consumia. Este passou a comprar no mercado carne de gado, mesmo que raramente, e sua caça provinha apenas de tatu e quati que causavam prejuízos às roças. Macarrão, açúcar (que antes se consumia diretamente da garapa da cana), arroz, dentre outros, também passaram a ser comprados no comércio, exceto o feijão que ainda continuava resultando das plantações do caipira (CANDIDO, 2010). Essa prática resulta na inserção econômica do mercado de compra – a monetarização – mas aumenta a necessidade de gastar dinheiro com produtos que antes não era necessário. Muitos utensílios domésticos que antes eram usados com bastante frequência foram perdendo seu uso no decorrer dos anos.

Segundo Candido (2010), podemos ver presença de solidariedade na distribuição de carne que os moradores faziam entre si ao matar um porco ou carne de caça mantendo certo intervalo de tempo entre um abate e outro.

Pode-se perceber também, que a dieta do caipira é consideravelmente pobre em nutrientes. Seu cardápio era composto, na maioria das vezes, por alimentos com valores nutritivos mínimos, visto que trocava os que seriam mais caros por outros de preço mais baixo, sendo estes, os que ele já era acostumado a comer, composto basicamente de: frituras, farinha de mandioca, arroz, feijão, vez ou outra, algum legume.

1.3. Análise da mudança

Com as modificações no meio rural em consequência da modernização do campo, o pequeno lavrador passou a vender seus produtos nos centros das cidades. Como este precisava de vendê-los rapidamente, o valor ficava abaixo do esperado, visto que não tinha o conhecimento do preço real (CANDIDO, 2010). Deste modo, aumentou as disparidades nas relações comerciais.

Para que pudesse pagar as mercadorias adquiridas, o caipira havia de produzir em quantidades cada vez maiores, exigindo um aumento significativo no trabalho já que antes produzia apenas o necessário para consumo. Assim, o equilíbrio que antes era mantido – baixa quantidade de nutrientes na alimentação com o esforço físico também pequeno – passou a sofrer alterações, pois aqueles eram de quantidade insignificante se comparados a este exigido.

A terra já não era mais tão fértil quanto à do “tempo dos antigos”. A mata já não tinha a mesma extensão que antes, como consequência, a redução na quantidade de animais de caça. Não tomavam posse das terras com tanta facilidade que antes. Segundo Candido,

Era só chegar, tomar conta e pedir para o governo, que concedia áreas medindo uma légua de frente por três de fundo. Mas depois vieram os fazendeiros ricos e, como a caboclada era ignorante, foram comprando barato de uns, tomando à força de outros. Tinha gente que ia expulsando os “cuitadinhos” a pau e tiro (2010, p. 226).

Outra mudança que podemos perceber é a diminuição do uso de técnicas tradicionais, tanto em uso medicinal – como o caso dos benzedores e benzedoiras e curadores – quanto para o próprio consumo, assim, mesmo que ainda utilizando estes, com maior frequência, o caipira passou a frequentar as farmácias.

As danças e as festas também tiveram uma grande diminuição. Era muito comum vez ou outra realizarem festas religiosas ou comemorativas, coisas que raramente encontravam-se alguns anos depois.

Todas essas mudanças aconteceram devido a modernização, visto que antes tratava-se de uma agricultura camponesa que tinha como objetivo fundamental a manutenção da unidade familiar agricultora que não dependia de recursos externos à própria unidade produtiva, baseada num aproveitamento máximo dos recursos naturais disponíveis.

CAPÍTULO II

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

Enquanto o capitalismo gera cada vez mais competição entre os indivíduos, a economia solidária (E.S) “só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar” (SINGER, 2002, p. 9). Desse modo, Singer conceitua economia solidária como “outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual” (2002, p.10) e ainda diz que “a aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores” (SINGER, 2002, p. 10). Assim, não há presença de hierarquia e todos contribuem igualmente, atuando de modo solidário e democrático, e também, como uma forma de inclusão social.

No capitalismo, a forma de administração é realizada por meio da heterogestão, onde ocorre a divisão de níveis de autoridade, então, quanto mais baixo o nível em que o indivíduo estiver, mais sujeito a obedecer a ordens ele estará.

A autogestão na qual é praticada democraticamente, com a participação de todos e sem distinção é realizada na economia solidária. Segundo Singer, “a autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes” (2002, p. 21). Visto que esta é praticada de modo democrático, a pessoa – da qual participa – aprende e ensina também com o coletivo.

A E.S surgiu como uma forma de produção alternativa ao capitalismo, sendo um dos pioneiros a realizar tal proeza, Robert Owen por meados do ano de 1815. Este, mesmo que não tenha conseguido pôr em prática no governo britânico os planos apresentados que tinham a intenção de reinserir as vítimas da pobreza e do desemprego na sociedade econômica, mudou-se para os Estados Unidos com a intenção de uma nova tentativa. Os modelos Owenistas⁵ serviram de inspiração para seus seguidores que, alguns anos depois, conseguiram colocá-los em prática.

Enquanto de um lado havia os movimentos operários lutando pelos seus direitos (dos assalariados), do outro tinha a resistência da economia capitalista.

⁵ Ideias elaboradas por Owen (SINGER, 2002).

Com o auge destes movimentos e com o acômodo ao assalariamento, o desinteresse pela economia solidária aumentou. Anos depois, houve um crescimento significativo no desemprego. Nesse contexto a E.S foi reinventada também como entidades de apoio (SINGER, 2002).

Assim, “a economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma *vida melhor*” (SINGER, 2002, p. 114), no sentido de um bom relacionamento com as pessoas; uma coletividade.

Para Singer (2002), fazem parte da economia solidária: cooperativas; associações; clubes de troca⁶; bancos cooperativos; entidades ligadas à Igreja Católica, sindicatos e universidades.

Vale salientar que nas empresas capitalistas as atividades ocorrem com o maior nível de formalidade possível, buscando obter o máximo de trabalho e eficiência de seus empregados (SINGER, 2010). Porém, na economia solidária diversas de suas atividades são baseadas em trabalhos coletivos realizados de maneira informal onde percebemos a presença da autogestão e dos princípios norteadores da economia solidária, como a preocupação com o meio ambiente, a solidariedade, a valorização da cultura e do saber local e a tomada de decisões de maneira democrática. Na experiência retratada por Antônio Candido, vemos as manifestações culturais, o mutirão, a troca de dia de trabalho e diversas outras atividades produtivas e trabalhistas que não envolvem um vínculo hierárquico das relações trabalhistas.

⁶ Para Singer (2002) os clubes de troca eram uma forma de as pessoas se ajudarem (cooperarem) trocando bens ou serviços na falta de dinheiro.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE COMPARATIVA

Com base no que já foi abordado neste trabalho, podemos perceber que algumas atividades realizadas pelo caipira, tanto antes do avanço da economia como depois, podem ser consideradas como práticas da economia solidária.

No primeiro capítulo do livro de Antônio Candido *Os Parceiros do Rio Bonito* (2010), foi relatado que os caipiras faziam muitas vezes o mutirão. Segundo Candido (2010 apud Ayrosa, 1934, p. 83) “[...] o *muchirão* não é propriamente um socorro, um ato de salvação ou movimento piedoso; é antes um gesto de amizade, um motivo para folgança, uma forma sedutora de cooperação para executar rapidamente um trabalho agrícola”. Com essa forma de cooperação, executavam atividades variadas. Podemos considerar o mutirão como uma prática da E.S, pois Singer (2002) considera que ela é composta por atividades que envolvem cooperação, auxílio mútuo, que não visam lucros, que são movidas pela autogestão etc.

Ainda com o conceito de auxílio mútuo e cooperação, é possível considerar outras práticas explanadas no livro como, primeiro⁷, a carnação. Nela o morador, ao matar um porco, repartia a carne entre os vizinhos. Como a quantidade desses animais não era numerosa, eles faziam um intervalo entre um abate e outro. Neste intervalo, um outro morador de outra casa havia de matar seu porco e assim, também dividir a carne com a vizinhança. Era realizado sempre em forma de rodízio, assim, o caipira não tinha necessidade de perder seus animais todos rapidamente ou de ficar muito tempo sem consumi-lo, ao mesmo tempo, podendo tê-lo em seu cardápio com mais frequência.

Podemos considerar o empréstimo da moenda de tração animal para moer canas que era emprestada aos vizinhos como outra prática, visto que na região havia apenas uma. Mas, quem usasse, deixaria uma parte do produto, não como forma de pagamento, mas sim, como uma forma de cessão da máquina (CANDIDO, 2010). Desse modo, o empréstimo não visaria lucro, característica da economia solidária, apenas para garantir aos moradores a possibilidade de inserirem de maneira menos penosa em sua atividade produtiva.

Outra atividade praticada pelo caipira que podemos considerar como parte da E.S é a troca de trabalhos. Essa atividade, Segundo Candido (2010), é feita quando um vizinho é

⁷ Não em ordem de prioridade, mas apenas como de organizar a leitura do texto.

solicitado para ajudar outro para realizar tarefas que este não conseguiria realizar sozinho⁸, assim, quando o que solicitou necessitar de sua ajuda, este irá fazer. Como, para Singer (2010, p. 9), “a solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar”. Assim, percebemos que esses trabalhos realizados pelos caipiras eram praticados de forma solidária. Nenhum fazia mais que o outro.

Podemos ressaltar que a economia solidária no Brasil tenha acontecido da forma seguinte:



9

Fonte: elaborado pela autora com base na teoria apresentada.

Então, seguindo a sequência acima, temos: (1) surgimento da Economia Solidária; (2) relações capitalistas, (3) reestruturação produtiva e (4) ressurgimento da economia solidária.

Havia práticas de economia solidária que diminuíram com o advento do capitalismo e o acômodo com o assalariamento, porém, com os problemas vivenciados na reestruturação produtiva da década de 90 – do século XX –, e como consequência, o desemprego em massa. Desse modo, ocorreu o ressurgimento da economia solidária no Brasil como forma de resgate das pessoas afetadas por tal.

⁸ Por exigir um esforço físico maior ou por demandar de um tempo mais curto para que fosse realizado.

⁹ Sabemos que a história dos processos econômicos e sociais não pode ser analisada de maneira linear, visto que há eminências mais ou menos presentes em cada época histórica. No entanto, para fins didáticos neste trabalho, optou por essa representação linear.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos que com o acômodo do assalariamento durante algumas décadas do século XX, as práticas econômicas e solidárias foram, de certo modo, ausentadas¹⁰. Durante esse período houve um grande aumento da economia capitalista. Porém, a prosperidade desta veio a decair após uma série de crises. Assim, resultou no desemprego em massa devido à desindustrialização de países centrais e semidesenvolvidos (SINGER, 2002).

Neste contexto, percebemos que a economia solidária ressurgiu, como uma forma de amparo às pessoas afetadas pela crise. Com essa reinvenção, algumas entidades passaram – ou foram criadas com tal objetivo – a integrá-la. Assim, esta veio com uma intensidade maior que a de décadas anteriores.

Com os relatos de Antônio Candido no livro *Os Parceiros do Rio Bonito* (2010) sobre a vida do caipira incluindo seus costumes e práticas realizadas, e com os conceitos e características da economia solidária descritas por Paul Singer em *Introdução à Economia Solidária* (2002), compreendemos que as atividades de cunho solidário permaneceram, mesmo que em quantidade inferior, nas tradições deste.

Contudo, a comercialização em grande escala do café trouxe ao caipira uma forma de economia capitalista. Com o rápido crescimento da produção houve um aumento na demografia de Bofete. É importante salientar que este fez com que o município vivesse tempos de urbanização onde algumas tradições sofreram diminuição, como se, melhor dizendo, diante desse contexto econômico, estas permaneciam quase que em inércia. Vale ressaltar que logo após a queda drástica da produção de café, essas práticas e o modo de vida do caipira retornaram.

Esperamos que este trabalho tenha cooperado para o conhecimento daqueles que o procurarem como fonte e que este sirva de acréscimo sobre tal assunto.

¹⁰ Ausentadas segundo o que dizem teóricos brasileiros.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CERVO, A. L. e BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil. 1983.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**; métodos e técnicas. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.